

O PARADOXO DE UMA NOVA NATUREZA

Miguel Real

Para o JL, Jornal de Artes, letras e Ideias

7 de Junho de 2023

«Excelente novela, que se lê em menos de uma hora e nos deixa a pensar o resto da tarde.»

«Um novo livro de Joana Bértholo é sempre uma festa.»

Miguel Real

«Um novo livro de Joana Bértholo é sempre uma festa. Com Patricia Portela, Sandro William Junqueira, Afonso Cruz e Gonçalo M. Tavares, é um dos poucos autores que começaram a publicar no século XXI que cruza a apresentação de novas ideias culturais com uma excelente capacidade descritiva. Ou, dito de outro modo dizendo o mesmo, nos seus livros, não lhes basta expor uma representação realista crua, quase como uma fotografia descritiva da realidade, necessitam de a envolver numa ideia teórica, de lhe prestar um sentido filosófico. Assim desde o seu primeiro romance, Diálogos Para o Fim do Mundo (2010), e em O Lago Averso (2013), Ecologia (2018), nos contos de Havia (2012) e de Inventario do Pó (2015), até no conto infantojuvenil O Museu do Pensamento (2017), galardoados com vários prémios.»

Neste sentido, com aqueles escritores e, na exploração do tema do corpo, o teatro de Cláudia Lucas Chéu, Joana Bértholo ostenta uma literatura nova, é exemplo de uma nova dobra no panorama da literatura portuguesa contemporânea. Estes autores não escrevem sobre Vasco da Gama e Camões, D. Sebastião e Nossa Senhora de Fátima, a Guerra Colonial, os sonhos do 25 de Abril e a Democracia, a queda do Império, a

A mãe classificava-a de “burra e ignorante” e achava que a filha tinha tido muita sorte em ter arranjado emprego como lavadora de cabeças. A protagonista percebeu que tinha de trabalhar para seu sustento quando a agência funerária lhe entregou a fatura do enterro da mãe. Busca trabalho no Centro de Emprego e consegue um subsídio mínimo (um quinto do ordenado mínimo). Sentia-se tão insignificante que caminhar devagar era o seu único desejo: “Se caminhasse devagar o suficiente talvez a realidade não desse por mim, não me esmagasse” (p. 17). Com todo o tempo livre, não queria trabalhar mais. Começou a ter sonhos estranhos, o primeiro foi o de um cato “frondejante” (p. 23), planta do deserto e símbolo de solidão e de agressividade para com os outros (os picos).

Procurando a internet gratuita, vai a uma biblioteca, desconhece que livros requisitar, e, sem saber o que dizer, diz ao bibliotecário que gosta de livros sobre a natureza (p. 27). Apaixona-se pelo bibliotecário, que a recebia muito simpaticamente. Convivendo com livros sobre a natureza e frequentando o parque da cidade, constata que as plantas (e os animais) estavam tão bem-adaptada ao ambiente quanto ela o estava relativamente à cidade: “eu era um animal brilhantemente adaptado ao meu habitat e se calhar, nesse sentido, eu já era Natureza” (p.34).

Por outro lado, percebe que a cidade continha milhões de animais (cães, gatos, uma multidão de insetos...) e era feito de materiais da natureza (madeira, ferro...): “Não encontrava uma diferença substancial entre a matéria de que era composta a minha ideia de campo, de natureza, e as diferentes matérias que compunham a cidade” (p. 38).

Portanto, diferenciar natureza de cidade estaria errado.

O Centro de Emprego telefona-lhe, tinha-lhe arranjado emprego no Matadouro da cidade na função de “magarefe”, cortador de carne e desmanchador de corpos de animais. Começou a trabalhar: “o chão estava coberto de uma papa de sangue, fezes e vísceras” (p.48).

Percebeu que a cidade e as multidões urbanas eram “um reino de pequenos poderes” e que “o Matadouro era uma metáfora do mundo, mas recusei-me a aceitá-lo” (p. 52).

Afinal, a nova natureza que era a cidade tinha-se tornado mais repulsiva que a antiga, a natural propriamente dita.

Como reagiu a protagonista? Afinal, onde a protagonista está? O leitor descobrirá por si, com a certeza de ser um sítio onde ela percebeu “que a melhor forma de aprender a